
A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MOITA BONITA/SE

Josivaldo de Santana (UFS)¹

Resumo: O presente artigo discute a necessidade do domínio de saberes à prática dos educadores do município de Moita Bonita/SE, no que diz respeito ao ato de avaliar, na 5ª série do ensino fundamental. Objetiva-se, abordar as exigências necessárias bem como analisar a prática avaliativa desenvolvida ao longo do ano letivo que se dá na mediação do educador que emite juízos em uma atitude de atenção permanente às mudanças ocorridas no comportamento dos discentes que estão sendo avaliados.

Palavras Chaves: Avaliação-Aprendizagem-Docente.

Abstract: The present article discusses the need of the domain of you know to the educators' of the municipal district of Moita Bonita/SE practice, in what he/she says respect to the act of evaluating, in to 5th series of the fundamental teaching. It is objectified, to approach the necessary demands as well as to analyze the practical evaluative developed along the school year that gives him in the educator's mediation that emits judgements in an attitude of permanent attention to the changes happened in the behavior of the student that you/they are being evaluated.

Keywords: Evaluation and Learning-Student-Teachers.

INTRODUÇÃO

O ato de avaliar está presente em todos os momentos da vida humana. A todo momento as pessoas são obrigadas a tomar decisões que na maioria das vezes são definidas a partir de julgamentos provisórios.

O processo de avaliação, exercido em todos os momentos da vida diária dos indivíduos é feito a partir de juízos provisórios, opiniões assumidas como corretas e que ajudam nas tomadas de decisões. Esses posicionamentos são definidos pelas pessoas com todos os aspectos da individualidade de sua personalidade.

¹ Graduado em geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Tutor presencial do CESAD/UFS. E-mail: josivaldoufs@yahoo.com.br



Segundo Newton 1984, ao fazer um juízo visando uma tomada de decisão o homem coloca em funcionamento os seus sentidos, sua capacidade intelectual, suas habilidades, sentimentos e ideologias. Nessas relações estão implícitas não só os aspectos pessoais do indivíduo, mas também aqueles adquiridos em suas relações sociais.

Nesse caso ao assumimos que o ato de avaliar se faz presente em todos os momentos da vida humana estamos admitindo que ele também está presente em todos os momentos vividos em sala de aula. O dia-a-dia da sala de aula não se separa da cotidianidade de cada um dos indivíduos que aí se relacionam. A avaliação está sempre presente, portanto, nos momentos desfrutados pela classe.

No processo ensino-aprendizagem, alunos e professores estão permanentemente avaliando a tudo e a todos, são formulados juízos em diferentes sentidos, esses vão orientar a tomada de decisões e o estabelecimento de relações que podem ser as do grupo com um todo, incluindo o professor (como a participação em uma excursão), ou simplesmente particulares, de grupos menores (a turma da bagunça ou “a turma de trás”), ou mesmo indivíduos (o aluno “puxa-saco”).

Em seu sentido mais amplo existem, nas relações de sala de aula, dois posicionamentos básicos nem sempre convergentes: o do professor e do aluno.

O professor emite juízos, quase sempre provisórios que vão de opiniões elásticas sobre a turma (boa, fraca, desordeira) até aos julgamentos sobre cada um dos alunos em particulares, por outro lado os alunos também avaliam os seus colegas e principalmente o professor, este é avaliado sob diferentes critérios que vão desde sua aparência pessoal até as suas atitudes frente à turma ou sua relação, em termos de conhecimento com a disciplina que ensina.

Segundo Cunha, 1987, o caráter dinâmico e subjetivo de formulação desses juízos provisórios faz com que o professor emita avaliações diferentes mesmo em situações aparentemente semelhantes. Nesse sentido pode ocorrer que um professor julgue diferentemente dois alunos que passaram por situações semelhantes apresentando o mesmo resultado. Vão estar presentes na efetivação dessas avaliações todo um forte contingente de elementos ligados à individualidade do professor, às relações existentes

entre ele e cada um dos alunos e às condições histórico-concretas em que se dá cada uma dessas situações.

É nesse espaço dinâmico onde diferentes juízos são formulados por diferentes pessoas em interação permanente que não cabe mais privilegiar apenas um elemento do grupo em suas opiniões. É nesse espaço limitado de sala de aula onde ocorrem avaliações diferenciadas a todo instante que não cabe mais privilegiar um segmento parcial, fragmentado, cristalizado de avaliação.

AVALIAÇÃO: UM DESAFIO NA PRÁTICA DOCENTE

O avaliar o que se ensina significa reflexão do professor sobre sua própria prática pedagógica a avaliação é pois um instrumento de aprendizagem e formação continuada em serviço, possibilitando ao professor se colocar diante de sua própria prática de maneira crítica. Para Eliane, professora de Educação Física da rede municipal de Moita Bonita/SE, o educador funciona nesse processo como um investigador de sala de aula, tornando-se um avaliador de si mesmo e autônomo em suas decisões, não dependendo de regras e receitas externas.

Isso quer dizer que o processo de ensino é problematizado e avaliado quanto a seus objetivos de produção, transmissão, apreensão, e a avaliação passa a ser investigativa e reflexiva da prática pedagógica. Nessa perspectiva a avaliação fundamenta o processo didático na ação docente. O professor realiza a autocrítica de sua própria prática pedagógica, procurando imprimir ações mais democráticas planejando e executando as avaliações com base na análise crítica e ética dos resultados.

Por outro lado, professores explanam que o ato de avaliar é angustiante principalmente na 5ª série do ensino fundamental, uma vez que neste nível de ensino há uma maior quantidade de alunos com distorção idade-série e isso requer um pouco mais de atenção entre os segmentos da escola, no sentido de garantir um meio eficaz para que a aula seja levada o termo, com certo grau de interesse.

No entanto, se para os docentes esse processo gera angústia, podemos imaginar o que ele representa para os discentes, “momentos de acertos de contas”, “a hora da

verdade”, “a hora de dizer ao professor o que ele quer”, essas são algumas das muitas representações em voga entre os alunos. Enquanto não tem “prova marcada”, muitos alunos encontram um alibi para não estudar.

Para grande parte dos pais, a prova também não cumpre seu real papel. Se a nota foi razoável ou ótima, os pais se dão por satisfeitos, eles pressupõem que a nota traduz a aprendizagem correspondente, o que nem sempre é verdade. Se a nota foi a de aprovação, o aluno apresenta como em troféu pelo qual deve receber recompensa. Saídas autorizadas como por exemplo: aumento de mesada, presentes de fim de ano, viagem de férias. A idéia comumente aceita de que a prova traduz os resultados da construção do conhecimento é sem dúvida, um dos mitos da avaliação.

É necessário se reconhecer os avanços da trajetória de uma criança ou até mesmo de um adolescente nas séries iniciais do ensino fundamental, principalmente na 5ª série, uma vez que os seus tropeços fazem parte da construção do sistema de aprendizagem, e que o principal objetivo da avaliação não é reprovar, mas sim, compreender e promover a cada momento o desenvolvimento pleno dos discentes e da aprendizagem em geral.

O professor precisa ter a preocupação de no decorrer do processo, utilizar diferentes meios através dos quais os alunos tenham oportunidades de demonstrar o seu aprendizado, as relações que vem estabelecendo entre o novo conhecimento e as aprendizagens anteriores, e as relações que fazem entre o conteúdo aprendido e a realidade histórico-concreta em que se situam. Para isso o professor deve propor a execução de diferentes atividades pelos alunos, elaborando em grupos ou individualmente, com a realização de experimentos, elaboração de projetos, participação em discussão, etc.

Durante todo o processo de ensino-aprendizagem a avaliação deve se fazer presente formulando juízos sobre os diferentes elementos que configuram o caminho da atividade pedagógica. Assim, devem ser avaliados não só os alunos mas o professor, o conteúdo desenvolvido, os recursos utilizados, os objetivos, a metodologia, etc.(Gomes, 1984, P.143).

O processo de avaliação em sua forma fina, classificatória, não encerra o processo ensino-aprendizagem. Sua principal função deve ser a de permitir a análise crítica da

realidade educacional, seus avanços, a descoberta de problemas novos, de novas necessidades ou de outras dimensões possíveis de serem atingidas. O ato de avaliar é uma fonte de conhecimentos e de novos objetivos a serem alcançados no sentido permanente do processo educativo.

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Ao pesquisar com os alunos da 5ª série do ensino fundamental das escolas públicas e privadas de Moita Bonita/SE, na percepção de bom professor percebo que entre as justificativas apresentadas, muitas aparecem dizendo respeito às relações professor-aluno. Compreendo que é difícil dicotomizar a imagem do bom professor. Na idéia dos alunos as coisas se entrelaçam e certamente possuem influências semelhantes e recíprocas. Com isso quero dizer que dificilmente um aluno apontaria um professor como bom ou melhor sem que se tenha as condições básicas de conhecimento de sua matéria de ensino, entretanto quando os alunos verbalizam o por quê da escolha do professor, eles enfatizam os aspectos afetivos.

Entre as expressões usadas estão “é amigo”, “é compreensivo”, “é gente como a gente”, “é bonzinho”, essas expressões caracterizam que a idéia de bom professor presente nos alunos de 5ª série, sem dúvida possuem pela capacidade que o professor tem de ser mostrar próximo, do ponto de vista afetivo.

“A aula é um lugar de interação entre pessoas e portanto, um momento único de troca de influências. A relação professor-aluno no sistema formal é parte da educação e insubstituível na sua natureza”. (Franco, 1984 P.156).

Analisando a amostra de quinze professores das escolas do município percebe-se que para os nossos alunos atuais o bom professor é aquele que domina o conteúdo, apresenta formas adequadas de apresentar a matéria e tem bom relacionamento com grupo, fato esse que influencia diretamente na hora da avaliação, uma vez que durante o ano letivo o educador, deve investir na possibilidade de ruptura com a avaliação excludente, classificatória, quantitativa e frenadora da criatividade, de certa forma já consolidada.

Diante dessa perspectiva, o processo de avaliação depende do tipo de relação que os processos estabelecem com a escola e dos referenciais que serão construídos e que a orientarão a escolha dos critérios ou indicadores do processo de avaliação.

De acordo com Saul, a avaliação, em seu sentido amplo,

Apresenta-se como atividade associada à experiência cotidiana do ser humano. Frequentemente nos deparamos avaliando e julgando nossa atuação e a de nossos semelhantes, os fatos de nosso ambiente e as situações das quais participamos. Esta avaliação, que fazemos de forma assistemática, por vezes inclui uma apreciação sobre adequação, eficácia e eficiência de ações e experiências envolvendo sentimentos e podendo ser verbalizados ou não (1988, P.25).

A afirmação da autora sobre avaliação envolve mais do que menos apreciações acerca do que o aluno pode estar atingindo; vai além, analisa todo o processo das atividades da aprendizagem, do nível de domínio e da qualidade obtida pelos alunos, em seus conhecimentos, habilidades e atitudes. A avaliação deve manifestar sua intencionalidade quanto à formação do aluno em sua inteireza.

Buscar mecanismos inovadores por parte do professor tanto para o desenvolvimento dos alunos e o êxito de suas atividades como a auto-avaliação de sua ação docente é uma tarefa a ser cumprida. Isso requer por parte do professor um compromisso permanente não só com seu processo de ensino investigativo, mas também com estratégias próprias para conceber, protagonizar e avaliar criticamente o processo didático.

Nesse sentido vale ressaltar que a avaliação instituída deve responder à dinâmica do processo ensino-aprendizagem, mas para que isso ocorra é necessário a reconstrução do processo percorrido como parte de um movimento articulado ao desenvolvimento de uma prática pedagógica comprometida com a inclusão, com a pluralidade, com a construção coletiva de aprendizagens.

Nessa perspectiva, é preciso por em discussão as conseqüências sociais da reprovação e da repetência e obviamente, da investigação dos determinantes sociais, econômicos e políticos que facilitam a vida escolar de alguns e impõe barreiras ao sucesso escolar de muitos.

A característica que de imediato se evidencia na prática educativa é de que a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo no processo de ensino, que passou a ser direcionada por uma pedagogia de exame, que essencialmente é classificatória. A finalidade classificatória da avaliação, ainda é a concepção de avaliação que permeia o processo de ensino-aprendizagem em nossas escolas. Na dinâmica inteira da sala de aula a avaliação que predomina é a de função classificatória e autoritária, o que vem reforçando o princípio da fragmentação do conhecimento. O professor cumpre uma exigência burocrática, e o aluno, por sua vez, sofre as conseqüências perversas do processo avaliativo.

A avaliação da aprendizagem constitui-se em conceitos e práticas que só podem existir se estiverem articulados com uma pedagogia construtiva, ou seja, articulados com uma pedagogia que esteja atenta ao ser humano como um ser em movimento, em construção permanente através de seus movimentos internos (motilidade) e de seus movimentos externos (mobilidade). (Luckesi, 2003).

Vê-se, pois, que a avaliação da aprendizagem deve ser considerada como parte de um processo mais abrangente, multifacetado a ser desenvolvido na escola por diversos agentes e setores. Alguns educadores até entendem a avaliação de uma forma mais ampla, mas presos pelo condicionamento de décadas, acabam por restringir-se em sua prática quase sempre a considerarem a avaliação como um processo decorrente exclusivamente da aprendizagem do aluno e dessa forma por mais que se esforcem o processo de avaliação utilizado nem sempre provoca o resultado esperado: a melhoria da aprendizagem nos níveis desejados.

A AVALIAÇÃO DOS AVALIADORES

A avaliação começa no primeiro dia do semestre e qualifica-se como processo de acompanhamento permanente do desempenho do aluno, implicando no professor cuidado extremo pelo direito de aprender bem e no aluno a confiança de estar progredindo todo dia ou se não tiver desempenho adequado de encontrar o suporte a que tem direito para se recuperar. Implica este processo também o acompanhamento individual tipicamente

qualitativo que descreve a trajetória histórica de cada aluno no sentido de sua evolução constante e progressiva.

Não faz qualquer sentido descobrir ao fim do primeiro mês na prova que parte da turma não aprendeu bem ou nada, já é tarde, mas, sobretudo é uma injustiça contra os alunos que não tiveram o acompanhamento adequado.

Assim quando falamos de avaliação qualitativa, no nosso caso na 5ª série do ensino fundamental, é “cobrado” do professor, o compromisso ético e formal de garantir as condições mais favoráveis possíveis para a boa aprendizagem.

Nesse sentido com o intuito de aprofundar as discussões sobre o tema deste artigo, bem como justificar os motivos que levou-me a escolha do mesmo foram feitas algumas entrevistas com professores das três escolas que ofertam a 5ª série do ensino fundamental no município de Moita Bonita/SE, nesse caso a Escola Estadual Eng^o Elias Andrade, Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos (ambas escolas públicas) e o Colégio Antônio Barreto de Lima da rede privada.

Para a professora Eliane Aparecida que leciona na Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos a disciplina de Educação Física a avaliação é um fenômeno amplo, é mais que levantar medidas e aplicar testes de avaliação prática, selecionando e classificando alunos de acordo com seu desempenho.

A avaliação da aprendizagem é um processo contínuo, claro, consciente e sistemático, uma forma de obter informações para diagnosticar conhecimentos dos alunos. Para que ocorra uma avaliação coerente é necessário que se tenha clareza dos objetivos, dos conteúdos e dos procedimentos que possibilita esta aquisição, é necessário a cada etapa procurar sentir as necessidades dos alunos, para então redimensionar os objetivos e os conteúdos e encaminhá-los a uma nova proposta de ação.

O planejamento deve ser olhado como um elemento flexível, ágil, para que todos possam crescer juntos: professor X aluno X escola.

O processo de avaliação deve fazer parte de um contexto mais amplo do projeto político pedagógico da escola, facilitando a sua compreensão como um elemento metodológico importantíssimo para os que fazem a educação. Para cada conteúdo novo, faz-

se necessário a realização de uma avaliação para diagnosticar a adequação dos conteúdos a serem trabalhados, darão ao professor elementos para investigação das situações de conhecimentos, propostas de pesquisas do assunto em questão, levará a caminhos nem delimitados pelo professor, de satisfação de curiosidade e enriquecimento dos conhecimentos. As interpretações dos dados colhidos darão ao professor fundamentação para identificar as dificuldades, necessidades e interesses dos alunos, então o professor poderá sistematizar os conteúdos que poderão ser aplicados no decorrer do período, de maneira que as atividades propostas apresentem um grau de dificuldade compatível com os alunos. Não se deve esquecer de colocar o aluno a par das normas e critérios pelos quais ele será avaliado. Não se deve fazer do erro e do insucesso fontes de culpa ou castigo, pois o erro faz parte do processo de aprendizagem e ajuda na construção e domínio de novos conhecimentos, habilidades e atitudes.

Para o professor José Gilson, que leciona na Escola Estadual Eng^o Elias Andrade a disciplina matemática, na atual perspectiva de um currículo para o Ensino Fundamental, a avaliação é um instrumento que tem por objetivo aumentar as potencialidades do aluno, tornando-o mais crítico e perceptivo na resolução de problemas, tanto aqueles em sala de aula como dos enfrentados diariamente fora da escola.

O primeiro passo para se atingir uma avaliação dentro dos parâmetros previamente estabelecido é um bom planejamento, ou seja, o sucesso escolar de um aluno está ligado ao planejamento e a proposta do professor.

Outro ponto importante no processo de avaliação é o respeito às características individuais de cada educando. Nem todos assimilam o conteúdo mediante a mesma metodologia de ensino.

Para estar a par do andamento da turma e do indivíduo, a avaliação deve ser um processo contínuo, sem deixar lacunas no processo ensino-aprendizagem. Assim, o uso de avaliações objetivas, provas, trabalhos teóricos são formas que podem contribuir para o processo avaliativo.

A avaliação é um recurso a serviço do desenvolvimento do aluno. Mas, infelizmente a avaliação é usada como o único instrumento para levar a decisão quanto à aprovação ou reprovação do aluno, provocando a exclusão do mesmo.

Por outro lado a professora Maria do Carmo, que leciona na mesma escola a disciplina Língua Portuguesa, afirma que na sua prática como educadora procura avaliar os seus alunos de maneira contínua, durante todo o ano letivo. “Incentivo a leitura oral e observo se os alunos obedecem a pontuação e se lêem com expressividade, no trabalho de produção de texto avalio a coesão, a coerência e incentivo que eles analisem o próprio texto e façam as mudanças necessárias”.

O problema que aflige a maioria dos professores de Língua Portuguesa é avaliar a interpretação de texto e o estudo da língua, pois os alunos apresentam muitas dificuldades nesses aspectos. Contudo segundo depoimentos daqueles, inclusive da professora Maria do Carmo, a avaliação é o único mecanismo que ajuda o professor a detectar o que funcionou na sua prática pedagógica e o que precisa mudar ou melhorar.

A professora Neilde Souza, que leciona no Colégio Antônio Barreto de Lima, instituição da rede privada, afirma que a avaliação na 5ª série é realizada por meio da observação do desempenho do aluno, exercícios orais e escritos, atividades complementares de cruzadinha e cópias de mapas, além destas, há aplicação de provas e a participação de aluno em projetos desenvolvidos na escola.

“Na minha concepção, a escolha de quatro avaliações anuais não foi boa por conta do acúmulo de conteúdos, as vezes realizo mini-provas para não haver a acumulação dos mesmos. Mas, como a avaliação é um processo contínuo, ela é realizada durante todo ano letivo”.

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS DIAS DE HOJE

A avaliação nos dias de hoje não é algo somente técnico, envolve auto-estima, respeito à vivência, cultura própria do indivíduo, filosofia de vida, sentimentos e relacionamentos políticos. Embora essas dimensões não sejam perceptíveis a todos os professores, observa-se, por exemplo, um professor que usa o erro do aluno como ponto

inicial para compreender o raciocínio, desse educando deve rever sua prática docente e, se necessário, reformulá-la, possui uma dimensão bem diversa daquele que apenas atribui zero aquela questão e continua dando suas aulas da mesma maneira. Do mesmo, o educador que faz uso de instrumentos de avaliação diversos, para ao longo de um período, acompanhar o ensino aprendizagem, é diferente daquele que se restringe a aplicar uma prova ao final do período.

Segundo Garcia (2001), a avaliação é um julgamento sobre uma realidade concreta ou sobre uma prática, à luz de critérios claros, estabelecidos prévia ou concomitantemente, para tomada de decisão. Desse modo, três elementos se fazem presentes no ato de avaliar: a realidade ou prática julgada, os padrões de referência, que dão origem aos critérios de julgamento, e o juízo de valor.

Através desses elementos, constata-se que a avaliação não é um processo apenas técnico. O educador deve refletir acerca de algumas questões: quem julga? Por que e para que se julga? Quais os aspectos da realidade que devem ser julgados? Deve-se partir de que critérios? Esses critérios se baseiam em quê? A partir de resultados do julgamento, quais são os tipos de decisões tomadas?

Como foi dito, a avaliação não é um processo apenas técnico, é um procedimento que inclui opções, escolhas, ideologias, crenças, percepção, posições políticas, vieses e representações, que informam os critérios através dos quais serão julgadas uma realidade. A avaliação do aproveitamento de alunos, por exemplo, pode basear-se em critérios reduzidos, apenas à memorização de conteúdos, ou pode basear-se em critérios que visem ao crescimento pessoal dos discentes, no que diz respeito as suas atitudes, liderança, conscientização crítica e cidadã. Esses critérios se originam de opiniões acerca do que se entende por educação, e vão direcionar o julgamento de valor acerca do desempenho daqueles alunos.

O Projeto Político-Pedagógico da escola deve ser elaborado coletivamente, e expor a visão acerca da missão da unidade escolar, direcionando os critérios através dos quais as práticas docentes que estão sendo desenvolvidas, sejam avaliadas. A avaliação da aprendizagem não é um julgamento de valor apenas acerca do aluno, mas também acerca

da política docente, que tem com resultado o desempenho do aluno. Segundo Paulo Freire, a avaliação não é um ato pelo qual A avalia B, mas sim um processo pelo qual A e B avaliam uma prática educativa.

Quando um professor dá uma explicação sobre um conteúdo, e, no entanto nos instrumentos de avaliação que ele elabora, propõe exercícios que abordam aspectos e habilidades referentes à matéria que foram trabalhados, o aluno sente-se “perdido”, sem ter um caminho a seguir, uma reflexão que possa fazer acerca daquela matéria.

O educador deve ter uma posição de não neutralidade envolvida na escolha dos critérios para o julgamento de valor e na escolha daquilo que se deseja julgar, a avaliação, como dissemos anteriormente envolve mais do que uma simples contemplação. Ela requer tomada de decisão. Conforme Luckesi (1996), sendo o juízo satisfatório ou insatisfatório, temos sempre três possibilidades de tomada de decisão: continuar na situação em que nos encontramos, introduzir mudanças para que o objeto ou situação se modifique para melhor ou suprimir a situação ou objeto.

Infelizmente, algumas tomadas de decisões partindo de critérios que limitam o processo educativo as aulas expositivas, de linguagem pouco clara para os educandos e que restringem a avaliação a apenas um momento final, partindo de um instrumento, homogêneo tendem a optar pela “supressão” do educando direta ou indiretamente através de sua reprovação.

Desse modo, o educador de hoje, deve repensar acerca dos seus critérios de avaliação, acerca da necessidade de construir políticas e práticas que considerem essa diversidade e que estejam comprometidas com o sucesso e não o fracasso escolar. Para isso, faz-se necessário um retorno as formas pelos quais a avaliação foi planejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação é a parte mais importante de todo o processo de ensino-aprendizagem. Avaliar é meditar o processo ensino/aprendizagem é oferecer recuperação imediata, promover cada ser humano, vibrar junto a cada aluno em seus lentos ou rápidos progressos.

Enquanto a avaliação permanecer presa a uma pedagogia ultrapassada, a evasão permanecerá, e o educando, o cidadão, o povo continuará escravo de uma minoria, que se considera a elite intelectual, voltada para os valores da matéria ditadora, fruto de uma democracia mascarada e opressora.

Acreditamos que o grande desafio para construir novos caminhos é uma avaliação com critérios de entendimento reflexivo, conectado, compartilhado e autonomizador no processo ensino-aprendizagem. Desta forma, estaremos formando cidadãos conscientes, críticos, criativos, solidários e autônomos.

Os novos paradigmas em educação devem contemplar o qualitativo, descobrindo a essência e a totalidade do processo educativo, pois esta sociedade reserva as instituições escolares o poder de conferir notas e certificados que supostamente atestam o conhecimento ou capacidade do indivíduo, o que torna imensa a responsabilidade de quem avalia.

Pensando a avaliação como aprovação ou reprovação a nota torna-se um fim em si mesma, ficando distanciada e em relação com as situações de aprendizagem. Mudar a nossa concepção se faz urgente e necessário, principalmente na 5ª série do Ensino Fundamental onde os alunos ainda estão na fase precoce da maturidade, concentração e valorização pelos estudos.

Nesse sentido mudar a avaliação significa provavelmente mudar a escola, automaticamente mudar a prática da avaliação nos leva a alterar práticas habituais, criando inseguranças e angústias e este é um obstáculo que não pode ser negado, pois envolverá toda a comunidade escolar. Se as nossas metas são educação e transformação, não nos resta outra alternativa senão juntos pensar uma nova forma de avaliação, romper paradigmas, mudar nossa concepção, mudar a prática é construir uma nova escola.

REFERÊNCIAS

BARRIGA, A.D. **A avaliação: uma prática em busca de novos sentidos** (org.). 4ª ed. Rio de Janeiro, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **A didática e a produção do conhecimento**. Ano XV nº 79, 1987.



FRANCO, Maria Aparecida C. O. **papel do professor e sua construção no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro, Universidade de Santa Úrsula, 1984.

FUTEMA, Fabiana. **Escolas brasileiras**. Disponível em [HTTP://www.folha.com.br](http://www.folha.com.br). Acesso em 07 de maio de 2009.

GOMES, Cândido. **A educação em perspectiva sociológica**. São Paulo, E.P.U., 1985.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola**. 7ª Ed. Salvador, 2003.

NEWTON, Balzan. **A pesquisa em didática: validade e propostas**. Candau. Petrópolis, vozes, 1984.

PERRENOUD, Philippe. **A avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas Sul, 1999.

REVISTA DO PROFESSOR NOVA ESCOLA, novembro/2001, P.14 a 21.

SAUL, Guiomar N. **A avaliação qualitativa** 4ª Ed. Rio de Janeiro, 1988.